

ROBERTO FEITH: CAMINHOS DO EX-CORRESPONDENTE

# IMPRENSA

JORNALISMO E COMUNICAÇÃO



- **INTERNACIONAL:** SIMON SCHAMA E AS ELEIÇÕES NOS EUA
- **ENSAIO:** O OLHAR DE J.R. DURAN SOBRE A ÁFRICA

## BRASIL REAL, BANDA VIRTUAL

MANAUS, SANTARÉM, BOA VISTA E RIO BRANCO (VIA AÉREA): R\$ 11,50



- **BRASILEIRO CONECTADO** REVOLUCIONA A **PRODUÇÃO DE INFORMAÇÃO** E DESAFIA MÍDIAS TRADICIONAIS

- **COMÉRCIO, GOVERNO E INSTITUIÇÕES FOMENTAM INCLUSÃO DIGITAL** E DEMOCRATIZAM REDE



PRECISÃO TÉCNICA NA REPORTAGEM DE **PAULO VINICIUS COELHO**

# UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA

OS EDITORES  
REVISTA IMPRENSA

Ao cunhar a expressão “aldeia global” como síntese de uma nova relação entre sociedade e comunicação, o pensador canadense Marshall McLuhan preconizou o advento de uma era em que a transformação se fundava sobre os profundos impactos da então emergente cultura eletrônica, cujo avô tinha sido o rádio, a filha, a televisão e o neto, ainda em gestação, o computador. Eram os 1960, anos de otimismo calcado numa barulhenta revolução contracultural.

O código genético da crença de McLuhan era formado pela idéia de que a imprensa havia tribalizado as relações humanas e que, posterior a ela, os novos meios construiriam uma sociedade de ressonância global, mas de espírito local. Após os escritos dele, nunca mais conseguimos pensar o mundo da mesma forma e a expressão “aldeia global” tornou-se quase um lugar-comum, fruto de sua eficiência, para explicar os nossos tempos. Decerto McLuhan imaginava aquilo que não teve tempo de testemunhar. O que vivemos, no entanto, é tão amplo e revolucionário que não cabe apenas numa expressão.

Um exemplo: em Presidente Figueiredo, no Amazonas, o editor-executivo da revista IMPRENSA, Igor Ribeiro, apurava, para a matéria de capa desta edição, as políticas públicas de inclusão digital e o impacto que a chegada de computadores e da internet vem provocando na cidade de aproximadamente 25 mil habitantes. Na entrada do Parque do Urubuí, área de preservação ambiental, Ribeiro ligou seu aparelho celular e notou a presença do sinal da linha telefônica. Adentrou um pouco mais, corredeira acima no Rio Urubuí, conectou-se à internet via WAP e recebeu, no meio da floresta amazônica, a notícia de que os bancos Itaú e Unibanco haviam se fundido, transformando-se na maior instituição financeira do hemisfério sul. Algo que nem mesmo a criativa imaginação profética de McLuhan alcançaria.

A matéria de capa desta edição, planejada há meses, transita no universo da inclusão digital. É fruto de uma percepção da redação de IMPRENSA de que o Brasil do século XX, ao menos no tema tecnologia, vem cedendo espaço ao Brasil do século XXI. A reportagem, um esforço de apuração nacional, in loco, junto do brasileiro conectado, revela sutilezas que a grande imprensa ainda não percebeu: uma silenciosa revolução, formada por bits e bytes, vem se alastrando em todo o país e, depois dela, ou os jornalistas reinventam seu papel na inédita configuração social mediada pelas novas tecnologias – computadores, celulares, ambientes colaborativos, redes sociais e espaços wireless – ou então seremos engolidos pelo inevitável: a obsolescência dos antigos modelos frente aos novos tempos.

**Editor e Diretor Responsável:** Sinval de Itacarambi Leão (diretoria@revistaimpresa.com.br) **Diretor Editorial:** Rodrigo Manzano (rodrigomanzano@portalimprensa.com.br) **Diretora de Marketing:** Daniela Candida da Silva Maio (mkt@revistaimpresa.com.br) - REVISTA IMPRENSA: **Editor-executivo:** Igor Ribeiro (igorribeiro@portalimprensa.com.br) **Repórteres:** Fabrício Teixeira (fabricioteixeira@portalimprensa.com.br), Julia Baptista (juliabaptista@portalimprensa.com.br) **Colunistas:** Ariel Palacios, Ary Moraes, Fernando Jorge, Francisco Viana, José Marques de Melo, Murillo de Aragão, Paulo Nassar **Colaboraram nesta edição:** Gustavo Marin (arte), Leonardo Rozario (fotografia), Lubana Alves (arte), Nadini Lopes (texto) e Vilma Maria da Silva (Revisão). **Projeto Gráfico:** Vertis **Fotografia:** Pya Lima - PORTAL IMPRENSA: **Editora-executiva:** Thaís Naldoni (thaisnaldoni@portalimprensa.com.br) **Repórter:** Ana Luiza Moullet (anamoullet@portalimprensa.com.br) **Gerente de Publicidade:** Fernando Moraes (fernandomoraes@portalimprensa.com.br) **Executivos de Contas:** Patrícia Silva e Ricardo Fernandes (ricardofernandes@portalimprensa.com.br) **Assistente de Marketing:** Lilian Lopes **Representação Comercial (DF):** Front

Capa: Adolfo Vargas (foto) e Sueli Ribas (artesanato: www.sueliribas.com.br)





ROBERTO FEITH



J.R. Duran

ENSAIO

## 18 ENTREVISTA

Paulo Vinicius Coelho, o PVC, bate uma bola sobre imprensa e seu trabalho à frente da chefia de reportagem da ESPN Brasil

## 24 CAPA

Com o primeiro lugar em horas de navegação e o quinto entre o mercado mundial de computadores, Brasil avança nas tecnologias da informação

## 38 PERFIL

Depois de acompanhar guerras como correspondente, Roberto Feith, diretor da Editora Objetiva, trava batalhas nas estantes das livrarias

## 43 MAPA DA MÍDIA

Na série especial sobre mercados regionais traçamos um perfil da atividade publicitária da Bahia

## 54 INTERNACIONAL

O documentarista Simon Schama da BBC abraça um filme jornalístico e segue a campanha de Obama à presidência dos EUA

## 63 FÓRUM

Manaus recebeu, por três dias, dezenas de pessoas e centenas de idéias sobre o papel da imprensa atual na pauta sobre sustentabilidade

## 76 200 ANOS

Uma retrospectiva dos textos da revista IMPRENSA que analisaram a história recente da imprensa brasileira e uma reflexão para o futuro

## 80 PRÊMIO

Prêmio Vladimir Herzog comemora seus 30 anos de existência e os 60 da Declaração Universal dos Direitos Humanos

## 84 ENSAIO

J.R. Duran lança livro com imagens inéditas e textos sobre suas aventuras na Etiópia

## 88 TRAÇO

Mais que um ilustrador, Gual é um agitador das artes gráficas: criador do Troféu HQ Mix e de um museu cheio de histórias para contar

## SEÇÕES E MATÉRIAS

04 CARTA DO EDITOR

06 CARTAS DOS LEITORES

08 CADERNO I

11 DIZEM

14 COLEGUINHAS

16 PORTAL IMPRENSA

91 AGENDA

94 LIVROS

98 PONTO DE VISTA

## COLONISTAS

36 QUESTÃO DE ORDEM  
Murillo de Aragão

42 MEDIA TRAINING  
Francisco Viana

52 PRENSA LATINA  
Ariel Palacios

53 ZEITGEIST  
Meyre Anne Brito

58 COMUNICAÇÃO  
EMPRESARIAL  
Paulo Nassar

60 CAMPUS  
José Marques de Melo

92 LÍNGUA PORTUGUESA  
Fernando Jorge

96 DESIGN DE IMPRENSA  
Ary Moraes

Comunicação (front@portalimprensa.com.br) **Produção de Eventos:** Gabriela Miranda (producao@portalimprensa.com.br) **Pesquisa e Tecnologia:** Paulo Toledo de Sá Neto - CMC 136.849-3 - (paulotoledo@portalimprensa.com.br) **Administrativo:** José Abílio dos Santos (administracao@portalimprensa.com.br) **Assinaturas:** Solicitações de novas assinaturas, números avulsos e edições especiais: (11) 2117-5309 (assinatura@revistaimprensa.com.br) **Estagiários:** Aline Rosa, Ana Ignácio, Érika Valois, Karina Padiãl, Lucilene Izaac e Thiago Rosa. IMPRENSA é publicação da Imprensa Editorial Ltda - CNPJ 02.172.775/0001-70 - Rua Rego Freitas, 454 - Conj. 61 - V. Buarque - São Paulo, SP - CEP: 01220-010 - Fone/fax: (11) 2117-5300 - www.portalimprensa.com.br (imprensa@revistaimprensa.com.br). Registrada nos termos dos artigos 8 e 9 da Lei de Imprensa número 5.250/67, sob número 8.010 do Livro 5 do Cartório de Registro de Títulos e Documentos de São Paulo. **Impressão e Acabamento:** Gráfica Posigraf **Distribuição:** Fernando Chinaglia. IMPRENSA não se responsabiliza por conceitos emitidos em artigos assinados. Eles não representam, necessariamente, o pensamento da revista.

C A P A

# BRASIL.tec

LAN HOUSES, TELECENTROS, CELULARES, CIDADES DIGITAIS, COMPUTADORES NO VAREJO: UMA REVOLUÇÃO SILENCIOSA TEM MUDADO A RELAÇÃO DO BRASILEIRO COM A TECNOLOGIA E CONTRIBUÍDO DEFINITIVAMENTE PARA A INCLUSÃO SOCIAL

POR ANA IGNÁCIO\* E IGOR RIBEIRO\*\*





## C:\USUÁRIOS\AMAZONAS\CAREIRO DA VÁRZEA

Careiro da Várzea está a apenas 30 quilômetros da capital amazonense, mas é uma pequena comunidade ribeirinha que em nada lembra Manaus. Chega-se a ela pelo rio Amazonas, atravessando o encontro das águas do Negro com o Solimões — um trajeto de 50 minutos num barco de transporte coletivo. As áreas mais populosas do município — a Vila de Gutierrez, pequeno porto que dá acesso à BR-119, e a sede, na ilha do Careiro — também se comunicam por barco. O acesso local se complica ainda mais durante a cheia, de abril a julho, quando as poucas ruas de seus 2,6 mil quilômetros quadrados são tomadas pelas águas fluviais e transformam o município numa espécie de Veneza orgânica, sem o charme de suas gôndolas. Mesmo vivendo sobre palafitas, a maioria rural de seus 16 mil habitantes sofre o impacto da inundação na forma de colheitas perdidas, falta de água encanada e deficiência da coleta de lixo. Até mesmo os cerca de mil ribeirinhos do núcleo urbano, que usufruem de certa infra-estrutura, sofrem com a cheia, único evento a quebrar a paisagem vagarosa e escaldante da cidade. No primeiro semestre deste 2008, circularam notícias que poderiam, no entanto, arejar os costumes locais. Comentavam que além de duas lan houses, Careiro também ganharia um telecentro.

Quando soube da novidade, Cristiano Inácio de Bulcão, 18 anos, se entusiasmou. Interessado por computadores, o jovem pensou em trabalhar no telecentro para acumular ainda mais experiência em informática e, quem sabe, ganhar mais repertório para ingressar no sonhado curso de jornalismo. Sua prima, Maria Perpétua Socorro Pinto, secretária de ação social de Careiro e responsável pelo telecentro, consentiu com o suporte de Bulcão para implantar o projeto, que tem acompanhado de perto desde junho. Ajudou o técnico do Ministério das Comunicações a instalar os computadores em outubro, e espera chegar a Embratel com conexão à internet, prevista até o fim do ano. “Uma



Igor Ribeiro

faculdade, estudar ou pesquisar qualquer coisa mais difícil, tinha que ir para Manaus. Agora, com o computador vai ser ótimo, muda tudo”, resume o futuro jornalista.

Tanto ele quanto Socorro vêm no telecentro uma oportunidade de aprendizado que a cidade dificilmente forneceria de outra forma. “Ainda não temos muita violência, dormimos de portas abertas, mas o consumo de drogas vem crescendo muito entre os jovens e precisamos levar a eles alguma atividade. A internet tem um papel fundamental nesse sentido”, explica Socorro. Ela concorda que as lan houses já ajudavam, em parte, a minimizar as distâncias. Mas prefere o telecentro pelo seu potencial educativo e profissionalizante. “Tem que ensinar a trabalhar com informática para o bem, pois a internet tem seu lado ruim também, não é?”

Sim, tem. Mas o Brasil não parece muito preocupado com isso agora. O país é apontado como um dos que mais cresce na internet. Segundo o Ibope/NetRatings, já somos os primeiros em horas de navegação, com uma média de 22h50 por mês — em termos de usuários absolutos, estamos na sexta posição mundial. Somos também o maior mercado de computadores do hemisfério sul — e o quinto do planeta, com previsões de chegar ao terceiro lugar em 2010.

Estudos comparativos como esses não refletem somente a obsessão do brasileiro pela rede digital, mas também pela tecnologia de forma geral. O Brasil é um ávido consumidor de televisores e celulares — o país está na quinta posição do mercado mundial de telefonia móvel, por exemplo, com 140 milhões de unidades (veja quadro à pag. 28).

### FUTURO JORNALISTA

MARTA SOCORRO, EDUCADORA,  
E CRISTIANO BULÇÃO,  
ASPIRANTE A REPÓRTER:  
NOVAS OPORTUNIDADES



## E:\MENSAGENS RECEBIDAS

SE FOSSE REALIZADO UM CONCURSO DE BELEZA ENTRE AS TRÊS TECNOLOGIAS DIGITAIS MAIS PRESENTES NO MERCADO, A TV DIGITAL E SUA RESOLUÇÃO ESTONTEANTE COM CERTEZA GANHARIA, SEGUIDA DO COMPUTADOR E, EM TERCEIRO LUGAR, DO CELULAR. MAS, NA CATEGORIA POPULARIDADE, A ORDEM SERIA CERTAMENTE INVERSA. ENQUANTO O MERCADO DE PCS E NOTEBOOKS SEGUE SEU CAMINHO CONSTANTE E ASCENDENTE, O TELEVISOR TOMA CAMINHO INVERSO. AS ASSOCIAÇÕES DE FABRICANTES PREVÊEM QUE EM 2008 SEJAM VENDIDOS 13 MILHÕES DE COMPUTADORES, PASSANDO PELA PRIMEIRA VEZ O NÚMERO DE TVs, QUE DEVEM CAIR PARA 9,5 MILHÕES, COM 2,5 MILHÕES DE UNIDADES DE PLASMA E LCD – DESSAS, ALGUMAS MILHARES COM TECNOLOGIA DIGITAL.

SEM A EMPOLGAÇÃO INICIAL, A INDÚSTRIA REVÊ SEUS CÁLCULOS E ESPERA UM NOVO *BOOM* DO MERCADO EM 2010, COM COPA DO MUNDO. “É DIFERENTE DA COMPARAÇÃO ENTRE PRETO E BRANCO E COR. ‘ESSA TEM QUALIDADE, MAS ESSA TEM MAIS AINDA’: É DIFÍCIL, AS PESSOAS NÃO ACREDITAM. MAS É MUITA DIFERENÇA, É VER PARA CRER”, DEFENDE FREDERICO NOGUEIRA, VICE-PRESIDENTE DA BAND. ANTES DISSO, ESPERAM A ANUÊNCIA DO FÓRUM DE TV DIGITAL PARA PRODUZIREM APARELHOS COM O SOFTWARE GINGA, PROVAVELMENTE NO SEGUNDO SEMESTRE DE 2009, QUE PERMITIRÁ A INTERATIVIDADE COM O TELESPECTADOR.

MUITO MAIS ACESSÍVEL QUE UM TELEVISOR, UM COMPUTADOR OU UM NOTEBOOK, O CELULAR É O EQUIPAMENTO TECNOLÓGICO TALVEZ MAIS DETERMINANTE NA ATUAL REVOLUÇÃO TECNOLÓGICA. ELE ESTÁ NO BOLSO DE MILHÕES DE BRASILEIROS. SEGUNDO DADOS DA ABINEE, HÁ 145 MILHÕES DE CELULARES CIRCULANDO PELO PAÍS, UM CRESCIMENTO DE 69% EM RELAÇÃO AOS NÚMEROS DE 2005. UMA RECENTE PESQUISA DA IPSOS APONTOU QUE O CELULAR ESTÁ EM 76% DOS LARES BRASILEIROS, ENQUANTO O FIXO ESTÁ EM SOMENTE 65% – 18% DOS BRASILEIROS SE DIZEM VICIADOS PELOS SEUS CELULARES. NESTE ANO A ANATEL FORNECEU OUTRO DADO INTERESSANTE, ESTIMOU QUE EM 10 ANOS 45% DA HUMANIDADE TERÁ ACESSO À INTERNET, E MAIS DE 80% AO CELULAR.

VEJA NAS PÁGINAS A SEGUIR ALGUNS GRÁFICOS FORNECIDOS PELA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DA INDÚSTRIA ELÉTRICA E ELETRÔNICA (ABINEE) E PELO COMITÊ GESTOR DA INTERNET SOBRE OS NÚMEROS DO MERCADO E OS HÁBITOS DOS USUÁRIOS DE CELULAR E INTERNET NO BRASIL.

Careiro da Várzea ainda dá seus primeiros passos na Infovia. Preocupar-se com a quantidade de computadores ou celulares numa cidade como essa, com falta de saneamento básico, pode parecer superficialismo. Mas para o governo é questão estratégica, que anda lado a lado com a inclusão social. Não por acaso, o Ministério do Desenvolvimento Social espera reduzir o número de beneficiados do Bolsa Família onde chegam projetos educativos e profissionalizantes como os telecentros. Careiro, onde há 2,5 mil cadastrados no programa de transferência de renda, deve receber mais cinco centros públicos de acesso à internet até 2009.

A meta das iniciativas federais e de seus parceiros privados e locais é levar mais projetos assim para a região norte e nordeste, onde há — como num reflexo do PIB brasileiro — os menores índices de inclusão digital do país. “Apesar de precisarem de ainda mais, iniciativas democratizantes têm aumentado sua frequência nessas regiões. Como é o caso de Belém”, diz Rodrigo Assumpção, secretário adjunto de logística e tecnologia de informação do Ministério do Planejamento, referindo-se à 7ª Oficina para Inclusão Digital, que ocorreu em novembro na capital paraense.



## D:\LOCAIS DE REDE\ PARÁ\BELÉM

Com mais de 3 mil participantes, a 7ª Oficina para Inclusão Digital ofereceu aulas sobre recondicionamento de computadores, robótica, utilização de serviços públicos, formação à distância, edição multimídia, produção de conteúdo, softwares livres e metarreciclagem, entre outras. O evento, organizado desde 2001 pelo Ministério do Planejamento, também debateu, paralelamente, temas como educação, banda larga, redes sociais, sustentabilidade e crimes digitais, sempre relacionados à democratização da rede no Brasil. Gente de todo o país, dos mais diversos tipos e



Fotos: Igor Ribeiro



estratos sociais, revezava-se entre as salas, à procura da melhor informação ou do melhor contato a estabelecer. Em sua maioria, telecentristas, monitores e professores, não raro munidos de notebooks ou *smartphones*.

O baiano Adilson Pedro dos Santos, 31, era um deles. Fanático pelas tecnologias de informação, o bibliotecário mal conseguiu conhecer outras experiências e projetos, como inicialmente pretendia, por ser constantemente requisitado para apresentar a própria história, sobre a biblioteca municipal de Alagoinhas, a 120 quilômetros de Salvador. “Ah, foi difícil!”, começa. “Quando o Gesac chegou lá, em 2003, era um terminal só, o sinal da internet era muito ruim e só podia acessar sites ‘.gov’”, conta, referindo-se ao programa do governo que, inicialmente, previa instalar terminais só para consulta de serviços públicos – a sigla original de Gesac significa Governo Eletrônico: Serviço de Atendimento ao Cidadão. Mas o programa mudou o foco. “Hoje é um sistema vasto, com capacitação, serviço de hospedagem de páginas, contas de e-mail, VoIP e jornais comunitários”, explica Heliomar Medeiros de Lima, diretor do programa que se tornou o maior do país e se especializou em oferecer sinal de rádio via satélite em locais onde os sistemas tradicionais de conexão não chegam.

Santos aproveitou a mudança do programa e pediu para desbloquear a máquina. Inspirado por uma lan house próxima que vivia lotada, passou a buscar recursos para trazer mais computadores. “A prefeitura deu mais três. Depois, fizemos um convênio com o Banco do Brasil, que doou computadores recondicionados. No início deste ano, nós colocamos em rede”, comemora o baiano, que hoje tem 32 terminais na biblioteca.



## C:\USUÁRIOS\CEARÁ\MONSENHOR TABOSA

Se o mundo da inclusão digital tivesse consultoria de marketing, o processo pelo qual passou o Assentamento Santana, no município cearense Monsenhor Tabosa, seria chamado de “case de sucesso”. Encravado no sertão, a comunidade agrícola participou de um projeto piloto do Territórios Digitais, programa vinculado ao Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA). Em vez de simplesmente receber um telecentro, Santana teve de participar de constantes reuniões com autoridades e especialistas para definir como seria utilizado. “A gente discutia para determinar o melhor jeito de implantar o projeto, pois a idéia não era o campo se adaptar à máquina, mas a máquina se adaptar ao campo”, explica José Filho de Araújo dos Santos, 15 anos. Apesar da pouca idade, o adolescente esbanja articulação para explicar o centro rural de inclusão digital (Crid), atual orgulho da comunidade.

A iniciativa do MDA pode não ser considerada a mais audaciosa em termos de quantidade. “Nosso medo é justamente esse, fazer em grande escala. Tem gente que me diz ‘Ah, mas você só tem três!’, e eu respondo: ‘Mas é muito bem feito!’”, destaca a consultora de inclusão digital do programa, Rossana Moura, referindo-se aos três pilotos, Santana entre eles – estão planejados mais 15 telecentros até dezembro de 2008. De fato, o Crid cearense provocou uma revolução no assentamento. Primeiramente, funcional, ajudando a resolver problemas burocráticos que, inicialmente, só poderiam ser solucionados em Boa Viagem (67 quilômetros de estrada de terra) ou Cratéus (a 110 km). Depois, comercial: os

## INTERNET E LUTA

À ESQ., JOSÉ FILHO E YVANETE FERREIRA, DO ASSENTAMENTO SANTANA; ACIMA, ABERTURA DA 7ª OFICINA PARA INCLUSÃO DIGITAL

## MERCADO DE PCS NO BRASIL

ANO	PCs - TOTAL		DESKTOPS		NOTEBOOKS	
	VENDAS	VARIAÇÃO	VENDAS	VARIAÇÃO	VENDAS	VARIAÇÃO
2005	5.635.000	38%	5.322.000	37%	313.000	61%
2006	8.225.000	46%	7.550.000	42%	675.000	116%
2007	9.983.000	21%	8.071.000	7%	1.912.000	183%
2008*	13.000.000	30%	7.550.000	-6%	5.450.000	185%

\*Previsão Abinee/Decon - dados atualizados em 05/08/2008

Fonte: Abinee e IT Data

## PRODUÇÃO BRASILEIRA DE TELEFONES CELULARES

ESTIMATIVA DE MERCADO - DADOS REVISADOS

ANO	PRODUÇÃO TOTAL ESTIMADA MILHÕES DE UNIDADES	VAR%	Nº DE LINHAS CELULARES EM OPERAÇÃO - ANATEL MILHÕES DE UNIDADES	VAR%
2005	65	55%	86,2	31%
2006	66	2%	100,0	16%
2007	68	3%	121,0	21%
2008*	81	19%	145,0	20%

\*Previsões

Fonte: Abinee/Decon- 06/08/2008

## POSSE E USO - DOMICÍLIOS

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE ENTREVISTADOS

	2005		2006		2007	
	%	PROJEÇÃO DOMICÍLIO	%	PROJEÇÃO DOMICÍLIO	%	PROJEÇÃO DOMICÍLIO
POSSUI COMPUTADOR	17	7.436.000	20	8.820.000	24	11.040.000
POSSUI ACESSO À INTERNET	13	5.720.000	15	6.525.000	17	7.774.000

Fonte: CETIC/CGI.BR

## POSSE E USO POR RENDA

PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE ENTREVISTADOS

RENDA FAMILIAR	POSSE COMPUTADOR			POSSE INTERNET		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007
ATÉ 1SM	2	2	3	1	0	1
1SM - 2SM	3	3	9	1	2	4
2SM - 3SM	6	10	24	2	6	15
3SM - 5SM	15	23	40	10	16	28
+ 5SM	46	54	67	40	44	57

RENDA FAMILIAR	USO COMPUTADOR ÚLTIMOS 3 MESES			USO INTERNET ÚLTIMOS 3 MESES		
	2005	2006	2007	2005	2006	2007
ATÉ 1SM	7	9	17	4	5	12
1SM - 2SM	12	15	27	8	11	21
2SM - 3SM	21	25	44	15	20	38
3SM - 5SM	32	41	58	26	34	51
+ 5SM	60	63	74	55	59	68

Fonte: CETIC/CGI.BR

assentados conseguiram implantar melhorias no apiário trocando experiências pela rede e passaram a vender mel pela internet. “É muito difícil trazer veterinário para cá, mas recentemente uma vaca levou picada de cobra. Descobrimos na internet um tratamento à base de ervas que salvou a vaca”, conta Yvanete Ferreira, 25, uma das entusiastas do Crid, ao lado de Araújo. “Também pesquisamos no computador adubo natural para substituir o agrotóxico nas plantações”, completa. A terceira mudança foi cultural. A comunidade passou a publicar na rede trabalhos produzidos sobre o assentamento, como ensaio fotográfico, história em quadrinhos e documentário em rádio digital, que contou até com depoimentos via Skype. “Antigamente, viver no sertão era quase uma ameaça. O professor falava ‘vai estudar, se não vai passar a vida inteira no campo’. Mas agora a gente conseguiu trazer o mundo pro sertão. A gente descobriu que é possível ser feliz no campo”, resume Yvanete.

Recentemente, o assentamento conseguiu financiamento do governo do estado para comprar uma minigráfica, que hoje funciona com o telecentro – produzindo desde cartazes até jornais para a população dos arredores – e pelo telecentro – pagando as despesas básicas do Crid, com uma margem de lucro. As mudanças ainda provocaram uma queda na taxa de evasão da população jovem, que caiu de 30 pessoas por ano a duas, em média.



## D:\LOCAIS DE REDE\AMAZONAS\PRESIDENTE FIGUEIREDO

Mudanças econômicas também são visíveis em Presidente Figueiredo, última cidade amazonense antes de Roraima. Até 2005, as atividades da cidade giravam em torno da colheita de cupuaçu, da usina de cana-de-açúcar e da hidrelétrica de Balbina. Apesar de tantos atentados ecológicos, Figueiredo tem muita área preservada entre seus 25,4 mil quilômetros quadrados, repleta de cachoeiras, corredeiras e grutas. O problema é que o visitante tradicional que freqüentava o local parecia se esforçar em degradar o que ainda restava de bonito. “Era um turismo muito predatório. A família vinha, trazia comida comprada fora daqui, geralmente em Manaus, deixava um monte de lixo e ia embora”, recorda o secretário municipal de educação, Jeconias Ferreira dos Santos.

SIMPLES ASSIM

nbs



oi

COLOCAR OUSADIA,  
LIBERDADE E  
MODERNIDADE  
À FRENTE DE TUDO  
É SIMPLES.

O SEGREDO É FAZER ISSO SEM TIRAR  
O CLIENTE DO PRIMEIRO LUGAR.

Uma empresa que sempre coloca os clientes em primeiro lugar  
consegue ser uma das empresas que mais crescem em todo o país.



Igor Ribeiro

## COMUNIDADE ATIVA

JOSÉ NILSON, COORDENADOR DE INFORMÁTICA, E ELIAN SOUZA, COORDENADORA DO CENTRO DE INCLUSÃO DIGITAL DE PRESIDENTE FIGUEIREDO

Para mudar o cenário, a cidade fez um planejamento de crescimento sustentável que envolveu turismo, tecnologia e educação. Hoje, sua infra-estrutura turística é considerada exemplar e tem a segunda melhor rede de escolas públicas do estado, quase todas conectadas à internet, além das lan houses e telecentros – são quase 130 computadores gratuitos para a comunidade, inclusive em áreas afastadas da sede. “A população com acesso ao computador divulga a cidade. Um aluno pega suas fotos de cachoeiras, coloca no Orkut, destaca a necessidade de preservação, porque ele aprendeu assim na sala de aula, e uma coisa move a outra. Hoje, a maioria da meninada da escola tem e-mail, participa de um blog, de alguma comunidade”, exemplifica Santos.

O entusiasmo da cidade é tão grande com a inclusão digital que criou um departamento só para cuidar disso. José Nilson Siqueira da Fonseca, coordenador de informática de Figueiredo, fica atento aos projetos que circulam sobre o tema – hoje a cidade tem iniciativas

tecnológicas dos governos municipal, estadual e federal, além de iniciativa privada e terceiro setor. “É ótimo porque ajuda a fomentar o mercado de trabalho. Já temos professor no Centro de Inclusão Digital que foi formado no próprio local”, diz Fonseca, enquanto mostra o mais novo telecentro, instalado em novembro numa escola municipal.

Os alunos, compenetrados, adoram a sala cheia de computadores com fones de ouvido. Eles se lembram, naturalmente, da lan house, onde muitos começaram a conhecer computador. Renata Adrien, 14, teve o primeiro contato por meio da igreja que a família frequenta, mas só entendeu de fato o computador ao ir numa lan house. “Achei ótimo, é uma motivação. Muita gente acha que fica só no Orkut, essas coisas, mas se tem é bom usar para tudo. Na lan house eu cheguei a pesquisar para trabalhos de química, português e matemática, por exemplo”, descreve a aluna de Ensino Médio de Presidente Figueiredo.

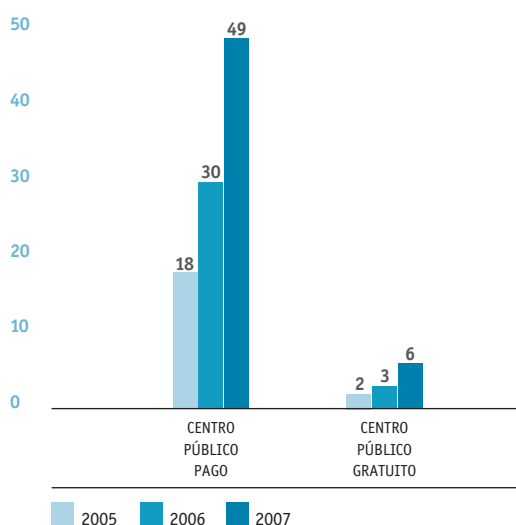
Renata se insere no maior fenômeno de inclusão digital do Brasil. Hoje há cerca de 90 mil lan houses funcionando no país segundo a Associação Brasileira de Centros de Inclusão Digital (ABCID), cerca de 15 vezes mais que o número de telecentros cadastrados pelo Observatório Nacional de Inclusão Digital (Onid). “O computador sempre sugeriu uma atividade solitária, individual. Com as lan houses observa-se justamente o contrário, uma sociabilização do ambiente do computador, com pessoas que criam laços pessoais, reais e virtuais entre si”, analisa Abel Reis, presidente da agência de propaganda Click. A empresa mantém uma parceria de doação de computadores ao Projeto Casulo, da favela paulistana Paraisópolis, onde a movimentação de lan houses também é intensa. “É um novo lazer na periferia, como um bar ou um restaurante. As pessoas vão para se divertir, jogar on line, ver e-mail, postar em redes de relacionamento e encontrar amigos ao vivo”.

Vista de modo enviesado por educadores e políticos, a lan house provou ser até o momento o mais abrangente e democrático ponto de acesso popular à internet. A pesquisa TIC Domicílios 2007, do Centro de Estudos Sobre as Tecnologias de Informação e da Comunicação (Cetic), entrevistou 17 mil domicílios de áreas urbanas e colheu alguns números impressionantes sobre a penetração das lan houses em todo o país (veja os gráficos nesta página). O acesso à internet por meio de centro público pago, por exemplo, quase triplicou em três anos – o telecentro subiu na mesma medida, mas enquanto a frequência de entrevistados em lan houses foi de 49%, o centro gratuito recebeu 6% deles. Esse crescimento se refletiu em todas as regiões e estratos sociais, mas especialmente no norte e nordeste e entre as classes C, D e E.

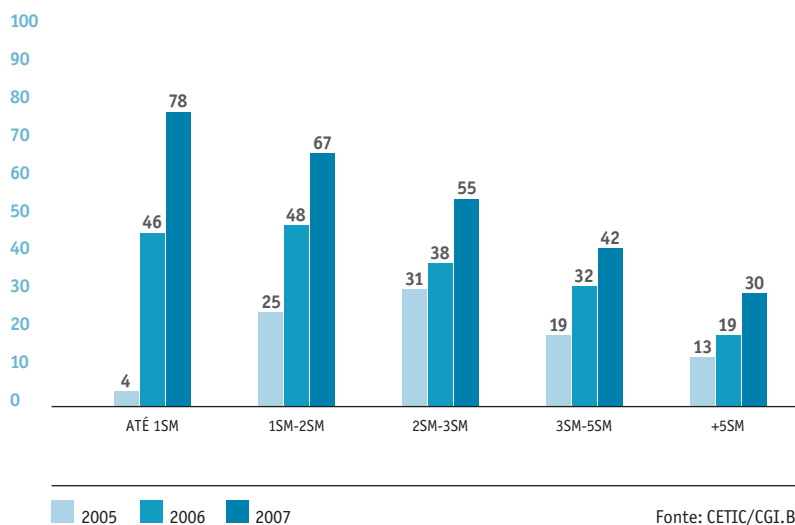
“Lan house tem um papel importante, é uma inclusão digital bastante espontânea. O governo tem que pensar nisso e acho que uma das ferramentas é criar financiamentos para o empresário do setor. Deveria haver conversas sobre linha de crédito”, afirma Gladir MacArthur, coordenador nacional do Programa de Inclusão Digital do Banco do Brasil. Fernando Meirelles, professor titular de informática da Fundação Getúlio Vargas, concorda: “Trata-se do famoso jeitinho brasileiro na inclusão digital. Como o governo demora para dar respostas e em geral o faz de modo insatisfatório, a própria sociedade se mobiliza e realiza suas ações”. O professor é

parte da equipe de consultores do Comitê Gestor da Internet o Brasil (CGI), órgão responsável pelo Cetic. “Lan houses em bairros nobres existem, mas não tanto quanto nos bairros periféricos e afastados do centro. Isso acontece por iniciativa dos próprios moradores, que não querem ficar de fora do que o mundo está fazendo”, analisa. “Isso é parte da inclusão social que passa pela inclusão digital”, resume.

#### LOCAL DE ACESSO À INTERNET PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS



#### USO DE CENTRO PÚBLICO PAGO POR RENDA PERCENTUAL SOBRE O TOTAL DE USUÁRIOS



Fonte: CETIC/CGI.BR



## E:\QUARENTENA

NOS ÚLTIMOS DEZ ANOS A INTERNET SE CONSOLIDOU NO BRASIL E DESENVOLVEU-SE. ESSE MOVIMENTO FOI LIDERADO PELOS DESENVOLVEDORES DE TECNOLOGIA E PELOS INTERNAUTAS, RARAMENTE PELA MÍDIA TRADICIONAL, QUE PARECEU SEMPRE CORRER ATRÁS DO PRÓPRIO RABO. ATÉ QUE O AVANÇO DOS BLOGS E DAS MÍDIAS SOCIAIS DISPAROU UM SINAL VERMELHO QUE FINALMENTE FEZ A IMPRENSA TRADICIONAL ACORDAR.

O ESTADO DE S. PAULO, POR EXEMPLO, QUE TINHA FAMA DE OBTUSO, PASSOU EM 2004 POR UMA GRANDE REFORMA GRÁFICA E DE ESPÍRITO QUE TROUXE O “LINK”, VEICULADO TAMBÉM NO JORNAL DA TARDE E COM EDIÇÕES NA RÁDIO EL DORADO, ALÉM DO PRÓPRIO SITE – TODOS COM CONTEÚDO COMPLEMENTAR. PARA OTÁVIO DIAS, EDITOR, O JORNALISMO TEM, HOJE, O DESAFIO DE TRAZER A TECNOLOGIA PARA O DIA-A-DIA SEM SE REDUZIR À INFORMÁTICA. “É MUITO IMPORTANTE QUE SE PENSE NISSO. NÃO ME SINTO FAZENDO UM CADERNO PEQUENO, DE NICHÔ.”

CAÍQUE SEVERO, DIRETOR DE CONTEÚDO DO IG, CONCORDA QUE A MUDANÇA É RADICAL, MAS É DA OPINIÃO QUE ESTE É APENAS O COMEÇO DE UMA TRANSFORMAÇÃO CUJOS PROTAGONISTAS AINDA NÃO SÃO BEM CONHECIDOS. “A INTERNET ESTÁ SAINDO DO SEGMENTO AB, PORTANTO DEVEMOS SEGUIR ESSA POPULARIZAÇÃO, DESCOBRIR QUAIS OS OUTROS CONTEÚDOS PARA ESSE PÚBLICO MAIS AMPLO”, SUGERE SEVERO.

A GOOGLE, NESSE SENTIDO, TEM ÓTIMA PERSPICÁCIA. A EMPRESA, QUE TEM CRESCIDO MUITO NO BRASIL, FORMOU SEU IMPÉRIO ANTECIPANDO OS MAIORES DESEJOS DOS INTERNAUTAS. “A GENTE NÃO TEM UM PLANEJAMENTO ESTRATÉGICO MUITO AMARRADO. POIS ACABA SEGUINDO MUITO O QUE O USUÁRIO GOSTA, MANIFESTA”, EXPLICA CARLOS FELIX XIMEMES. NUM PAÍS NO QUAL UMA IMPRENSA COM MILHARES DE PROFISSIONAIS JÁ DISPUTA PAUTA COM MILHÕES DE INTERNAUTAS, TALVEZ FAÇA REALMENTE MAIS SENTIDO PARAR DE DITAR MODA PARA SABER O QUE ESTÁ SURGINDO DO POVO. PARAR DE FALAR E PASSAR A ESCUTAR.

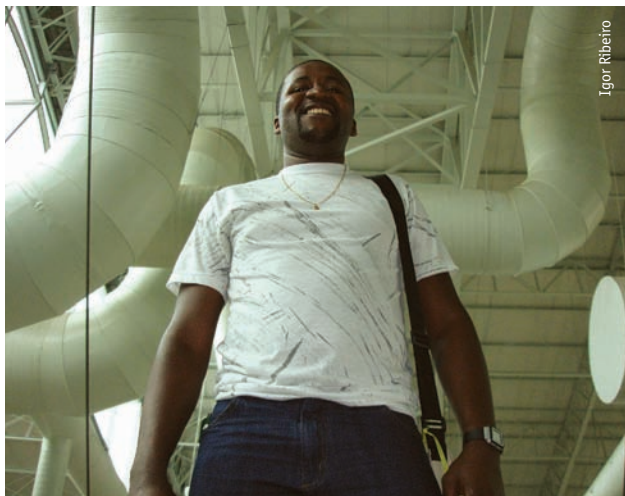


## D:\LOCAIS DE REDE\RIO DE JANEIRO\PIRAÍ

Carlos Seabra, diretor de tecnologia do Instituto de Pesquisas e Projetos Sociais e Tecnológicos (Ipsos, mantenedor do Onid), concorda que lan house tem que fazer parte da política pública de inclusão digital. Assim como banda larga, conexão por celular, infovias de fibra óptica, sinal wireless, etc. “Tráfego de informação passa por diversos meios. Assim como quando a gente precisa viajar: pega um ônibus até o aeroporto, embarca num avião até o destino e, chegando lá, toma um táxi até um metrô, etc. Essa complementaridade também tende a existir no deslocamento da informação: ela deve passar por vários meios”, afirma.

Talvez o conceito que melhor reúna diversas possibilidades de inclusão seja o de cidades digitais. São bons exemplos Vitória (ES), Sud Menuci (SP), Vacaria (RS), Celso Ramos (SC), São José dos Pinhais (PR) e Tapira (MG), a primeira cidade do Brasil a disponibilizar banda larga gratuita a todos os cidadãos. Mas cidade digital não quer dizer necessariamente internet grátis para a população. Este pode ser um dos predicados a compor um panorama em que a internet e a conectividade são atributos básicos para melhorias sociais e sustentáveis, como amplo acesso à educação e saúde, contato facilitado com órgãos públicos e desburocratização dos serviços ao munícipe. “O retorno da população é muito grande”, comenta Franklin Coelho, pesquisador da Universidade Federal Fluminense e coordenador do projeto Piraí Digital, que criou uma ampla rede de informação para a cidade de 26 mil habitantes, a 100 quilômetros do Rio de Janeiro. “Com essa experiência de computador dentro da escola, por exemplo, os alunos não queriam mais sair de férias”, brinca.

O projeto teve início em 2002, após mudanças numa fábrica e numa empresa da cidade terem aumentado o número de desempregados. Entre várias propostas para estimular o desenvolvimento, foi construído um plano diretor de informática, que previa interligação de todos os prédios públicos até 2004. Mas o projeto cresceu.



Igor Ribeiro



Igor Ribeiro



Agência Brasil

“Tornou-se uma rede pública com transmissão de dados, voz e imagem, que chega a todas as áreas urbanas e rurais, desde o distrito sede até a Serra do Matoso, onde 200 famílias cultivam banana”, explica Coelho.

Os custos não parecem altos para um projeto dessa magnitude: em média R\$ 1 milhão, parte financiada pelo BNDES. Coelho destaca que o uso de software livre e de sistema telefônico VoIP economizou cerca de R\$ 3,5 milhões.

Dessa forma, os 520 quilômetros quadrados do município integram prefeitura, secretarias, intranet, ouvidoria, laboratórios de internet, escolas, sistema de prontuário dos postos de saúde e hospitais, pontos de acesso público nas praças, rodoviárias e todos os telecentros. A conexão é híbrida, reunindo fibra óptica, cabos elétricos, wireless e rádio. A cidade tornou-se referência em saúde e educação, voltou a apresentar bons índices econômicos, inspirou cidades vizinhas e criou um sistema integrado com o Vale do Café, valorizando a cultura regional. “Com tudo isso, até há crescimento de IDH, mas o maior indicador realmente é a auto-estima da população”, diz o coordenador.

Apesar de disponibilizar quiosques de acesso e telecentros por toda a cidade, não é todo morador que consegue acessar a internet gratuitamente. Há opções pagas a partir de operadoras locais, cuja banda é metade do sinal comunitário, de 512 kbps. “O acesso é ruim e sempre que chove fica lento. Acredito que tem muito que melhorar nas residências”, afirma a dona de casa Katia Gonçalves Farinha de Campos, ainda que concorde que o município foi inovador no trato da inclusão digital. “Acho válido porque torna a internet acessível mesmo a quem não tem computador.”



## F:\MEU COMPUTADOR\ PASTAS COMPARTILHADAS\ BRASIL

A insatisfação de Katia com sua conexão, porém, não é única. Apesar dos números crescentes e das projeções positivas, a banda larga brasileira é motivo de riso mundo afora. Segundo um estudo da Cisco Systems divulgado em novembro, o Brasil tem a quinta pior banda larga do mundo, atrás de Chipre, México, China e Índia, tanto no que diz respeito à qualidade quanto à penetração. O recomendado para assistir a vídeos streaming e a participar de redes sociais, por exemplo, são conexões entre 1 mbps e 3,75 mbps, mas somente 21% das 8,6 milhões de conexões banda larga brasileiras tem velocidade entre 512 kbps e 1 mbps, e maiores que isso representam ínfimos 7%. A maioria, 45%, está entre 256 kbps e 512 kbps,

Técnicos costumam dizer que implantar fibra óptica – infovia ideal para a banda larga – ainda não decolou como deveria por causa de um paradoxo econômico brasileiro: o investimento inicial é alto, e as conexões banda larga não podem ser ainda mais caras. “Mas o reflexo disso vem depois, na forma da economia de todo um país, que vai além do cidadão comum. As próprias empresas e organismos governamentais vão ter, em poucos anos, a recuperação econômica de um investimento em banda larga, larga mesmo”, defende Seabra. O estudo TIC Domicílios 2007 mostrou que aumentou o número de pessoas dispostas a pagar um pouco mais caro por uma conexão satisfatória: em 2006, só 35% dos entrevistados pagariam R\$ 40 por uma boa conexão, enquanto em 2007, 48% fariam o mesmo.

## PROJETOS PLURAIS

DA ESQ. PARA A DIR.: ADILSON DOS SANTOS, DA BIBLIOTECA DE ALAGOINHAS; GLADIR MACARTHUR, COORDENADOR DO BANCO DO BRASIL; E CARLOS SEABRA, DIRETOR DE TECNOLOGIA DA IPSO



Ana Ignácio

## INCLUSÃO PERIFÉRICA

TELECENTRO EM OSASCO ESTIMULA A PRODUÇÃO DE CONTEÚDO SOBRE A CIDADE

Se estamos na sexta posição mundial no número de internautas absolutos, na proporção com a população o cenário é ruim. Somente cerca de 24% dos brasileiros navegam a partir do próprio computador. A projeção fica mais animadora quando comparamos a evolução por renda familiar, indicando que tanto a posse de computador como a de internet praticamente triplicou na classe C (veja a tabela à pág. 28). Segundo a Associação Brasileira da Indústria Elétrica e Eletrônica (Abinee), a venda total de PCs em 2008 deve bater os 13 milhões e, pela primeira vez na história, ultrapassar a de televisores, que deve vender 9,5 milhões (dados da Associação Nacional de Fabricantes de Produtos Eletroeletrônicos, Eletros).

O aumento da participação da classe C na aquisição de computadores caminha não só com o aumento do poder aquisitivo, tão comentado recentemente. Mas também com uma mudança na percepção de valores da sociedade, segundo Carlos Felix Ximenes, diretor de comunicação e assuntos públicos da Google Brasil. “Antes, você via famílias investindo dinheiro em carro usado, por exemplo. Para manter um carro velho, um Fiat 147 1988, dá trabalho com IPVA, mecânico, etc., mas faziam isso, porque viam valor naquilo, e um carro desse custa entre R\$ 4 mil e R\$ 6

mil”, analisa. “Hoje, as pessoas vêem mais valor na internet, que ainda custa menos que isso”.

O valor que a internet representa nada mais é que conhecimento. “Você pode notar que a estratificação da sociedade passa por acesso a informação. E pela primeira vez se reuniu num espaço só tudo que o homem já criou, cria, vai criar: tudo o que pensa”, afirma Maurício Falavigna, coordenador do projeto Osasco Digital, em São Paulo. Antigo ativista da inclusão digital, Falavigna teve uma experiência pioneira e vitoriosa no Capão Redondo, bairro periférico de São Paulo que ficou famoso pela pobreza e pelos altos índices de violência. Na virada do século, Falavigna conseguiu montar, com o suporte da comunidade local e outros profissionais, uma agência de notícias do bairro, o Capão Online. Durante cinco anos, eles divulgaram aspectos da região que diferiam da pobreza e da violência constantemente noticiados pela grande mídia. Cresceram, gostaram da idéia e viraram profissionais. Pessoas que antes não tinham muitas perspectivas, saíram do projeto fotógrafos e repórteres.

Hoje, Falavigna tenta reproduzir o projeto em Osasco, e talvez este seja o grande ponto de conexão entre as antigas tecnologias de informação e as novas. A percepção do jornalista tradicional, que teve a oportunidade de frequentar uma faculdade regular e vem dos estratos menos prejudicados da população, já não é há muito a única a divulgar conteúdos. “A internet criou no mínimo essa esperança, de todo mundo ter esse meio para se expressar, ter seu meio de comunicação”, exemplifica Falavigna, que também encontrou na cidade vizinha à capital uma vontade de produzir conteúdo diferente do pouco que se diz sobre Osasco pelos jornais e TVs. “O noticiário hoje é todo muito igual, as mesmas notícias, os mesmos recortes. Isso dá uma asfixia, não tem válvula de escape”, resume.

Diante dessa realidade, na qual todos podem, por meio das novas tecnologias de informação, produzir e divulgar conteúdo, só resta aos velhos jornalistas, acostumados com prazos, lides e fechamentos, uma lição tão antiga quanto Guttenberg: humildade. ■

Colaboraram Fabrício Teixeira e Karina Padial.

\*Da equipe de estagiários da revista IMPRENSA.

\*\*Enviado especial a Manaus (AM) e Belém (PA).

Veja mais em  
[www.portalimprensa.com.br/revista/edicoes/241/braziltec.html](http://www.portalimprensa.com.br/revista/edicoes/241/braziltec.html)